

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA *

- LANCHA** — Embarcação de 80 pés, em média, o casco de madeira de lei, construída em Santarém, Oriximiná, Açaeté. De máquina possante, uma hélice, tolda corrida de madeira, é empregada como rebocador de batelões de gado do baixo Amazonas e do Rio-Branco. Trafega constantemente na faina de trazer bois e vacas para o abastecimento da população. Também chamam lancha às pequenas embarcações a vapor. Lancha da Alfândega, lancha da Saúde, lancha da Polícia, (R M)
- LATADA** — Caramanchão Pálio de trepadeiras que se faz nos parques e jardins. O maracujá dá linda latada donde pendem os grandes frutos do tamanho de cabeças de crianças. O jasmim é a latada por excelência em virtude do perfume que exala de noite. (R M)
- LAVATÓRIO** — Poço ou lagoinho onde o porco, a capivara, e o búfalo costumam banhar-se. (V.C.M.)
- LAVRADO** — Campo a perder de vista, sem árvores nem arbustos. (V C.M.)
- LAVRADOR** — Erradio, que não tem querência; que vagando por grandes extensões de campo, não se demora muito no mesmo lugar, bandoleiro, arisco, semi-indoméstico. No feminino dizem *lavradeira* (V C M)
- LOCA** — Bôca. Abrigo. Casa. Esconderijo de peixe. (R M)
- LOGRADOURO** — Querência; campo onde o gado pasce habitualmente. (V. C M)
- MADEIRA** — Nome que dão à seringueira (hévea) em todos os seringais da Amazônia, desde quando submetida ao processo da extração da seiva lactescente, trabalhada ou não “A minha estrada tem 54 madeiras boas, mas não trabalhadas êste ano por causa da enchente”. (A. A M)
- MALHADA** — Espaço onde habitualmente se reúne o gado para ser trabalhado. Lugar onde o gado costuma pernoitar em lotes. Gado de malhada ou gado malhadeiro: aquêle que está acostumado a ser rodeiado na *malhada*, menos manso que o gado curraleiro (V.C.M.)
- MANGA** — Simples vereda das estradas nos seringais a terminar bruscamente em variada distância (Pop) — Caminho fechado em suas porções laterais porém aberto em suas extremidades, de modo a ficar uma no barranco e a outra no curral para facilidade e segurança do embarque do gado. (A A M.) O compartimento estreito e comprido de uma caieira, por onde passam os bois da sala para bordo das gambarras. No curral de peixe é a parede de parís ou varas que desce da beira até às asas dos mesmos perpendicularmente à direção do rio (V C M)
- MANSO** — Seringueiro que fêz, pelo menos, um *fabrico*, já distingue o assobio dos pássaros, o bater dos peixes, a pegada dos quadrúpedes, se bem que não possua o sentido instintivo do caboclo amazônico. (R M.)
- MARAJÓ** — O vento que sopra da baía dêste nome: “O marajó já está forte”. (A M)
- MARAJOARA** — Natural da ilha de Marajó. (V C M)
- MARÉ** — Elevação e abaixamento periódico das águas do mar. Mas até onde chega êsse fenômeno, pelo Amazonas a dentro? É isso que o autor deseja informar aqui, visto como sobre o assunto reina o maior desacôrdo, a maior confusão, mesmo entre escritores notáveis e até entre sábios. Uns marcam Santarém, como seu ponto terminal, outros vão até Óbidos. A verdade, observada por quem escreve estas linhas, é que a maré sobe até Parintins, no mês de outubro, quando o Amazonas, quase parado, perde tôda a sua força. Ela não tem fluxo aí quando enche, isto é, não corre para cima — tufa apenas. De bordo, amarrado o navio ao pôrto, vê-se no barranco uma estreita faixa molhada de dois dedos, quando a maré vazou. De Parintins, para baixo observa-se a

* Continuação do número anterior

- maré**/no caldeirão, que é um rumo transversal ligando o paraná do Bom-Jardim ao Amazonas, fluindo e refluindo, queremos dizer, correndo para dentro e para fora sob a ação da lua. Ora, o Caldeirão é um furo que fica à margem esquerda do Amazonas, 42 milhas a jusante de Parintins e 56 a montante de Óbidos. Se a maré se faz sentir nêle, embora no tempo sêco, no mês de outubro, fluindo e refluindo, é porque êle remonta muito acima. Nestas condições, que fique como padrão: Parintins é o derradeiro ponto em que se observa a maré Amazonas a dentro, ou seja 618 milhas acima de Belém, navegando pelos paranás. (R.M.)
- MARÉ DE LUA** — Água viva. Ação forte do fluxo e refluxo na lua nova, principalmente nos tempos de equinócio. (R.M.)
- MARÉ DE QUARTO** — Quadratura. Fluxo e refluxo dos quartos minguantes. Ação lenta das águas. (R.M.)
- MAREZIA** — Mareta. Onda pequena. Agitação miúda das águas. (R.M.)
- MARGEM** — Distinguem-se no seringal o centro e a margem. Nesta estão o barracão ou casa matriz, com a moradia do patrão ou administrador e a casa de mercadorias. Dêsse ponto principiam às “estradas” e os “varadores”, que vão anastomosar-se com os “piques” todos rumo ao centro, e por onde os seringueiros, os animais de carga e os “comboios” transitam (A.A.M.)
- MARISCADOR** — Encarregado da pesca em geral nos sítios e seringais, com acepção assim muito mais lata do que, por exemplo na baía, onde êle é, profissional ou não, encarregado sômente de proceder a apanha de mariscos, siris, mexilhões em pontos deixados a descoberto na vazante das marés ou lugares de pequena profundidade (A.A.M.)
- MARISCAR** — Pescar; também empregado com a acepção de caçar; procurar alimentos pela caça ou pela pesca. Etim. É vocábulo português com acepção diferente da castiça. (V.C.M.)
- MAROMBA** — Grande girau ao ar livre, de achas grossas, onde o gado sobe nas alagações por falta de terra. Palanque imenso, feito sôbre a várzea, de caráter provisório, as reses ficam aí ilhadas durante a inundação da gleba. Bois, vacas, vitelas, novilhas, mamotes. aí passam 30, 40 e 60 dias sustentadas pelos vaqueiros, que trazem canoas cheias de canarana e a distribuem em duas rações diárias pela manada. Na generalidade morre parte dêsse gado, triste, mal alimentado, casco descolado, quando não é o caudal que sobe e arrebatava as reses, maromba e tudo (R.M.)
- MATEIRO** — Trabalhador encarregado no seringal de abertura de estradas, e nelas assinalar seringueiras isoladas, ou então a “sapopema” e a “aguardar o toqueiro” para marcar cada “madeira”, e abrindo “piques” e por vêzes logo a “estrada” de acôrdo com a quantidade e qualidade das seringueiras. O mateiro tem ainda o encargo de fornecer a caça, “miúda ou grossa”. (A.A.M.)
- MATUPÁ** — Barranco, piriantã, capim em grandes touças, desenraizadas das margens que, flutuante, desliza com a corrente hiemal nos rios de margens herbosas Compõe-no, sobretudo, diversas canaranas e a orelha de veado. (V.C.M.)
- MOCAMBO** — Refúgio de negro fugido. Aldeamento de escravos que desertavam do ergástulo “Alí tem mocambo. É prêto assim .. Cada negralhão que mete mêdo”. Acima de Parintins há um igarapé em cuja cabeceira existiu um mocambo. Vem daí o nome de paraná do Mocambo, onde deságua o referido igarapé. No sul chamam quilombo. (R.M.)
- MOITA** — Reunião de pequenos arbustos isolados no campo. É vocábulo português clássico. (V.C.M.)
- MONDONGO** — Terras baixas que ocupam grande extensão de campinas, cheios de atoleiros, ocultos de ordinário sob a espessura de vegetais palustres. Dá-se, porém, êsse nome a extensíssimo pantanal que, distando da costa norte 10 a 12 milhas prolonga-se de oeste para este desde as cabeceiras do rio Cururu até mui perto da costa oriental. Contém em seu seio atoleiros formidáveis, pequenos lagos, diversas ilhas, e sobretudo infinitas plantas palustres, principalmente aningas, e por entre as quais arrastam-se milhões de répteis e que tornam perigosa a aproximação àquelas solidões”. (Rel. de FERREIRA PENA, transcr.

- pelo Prof O. A. DERBY, cit. pág. 164). Disse RAJA GABAGLIA: — “Balsedo cheio de aningas, freqüente em atoleiros por ter o solo empapado de água, ou coberto de água cêrca de metro. Costuma o solo secar e endurecer no final do verão”. O mondongo é peculiar à ilha de Marajó (V. CHERMONT), sendo também encontrado no baixo Amazonas. (A. A. M.)
- MONTARIA** — Pequena embarcação em que se navega a remo na Amazônia. É o cavalo do caboclo Rasa, de três metros de comprimento e um de boca, não pega mais de quatro pessoas. Há algumas, na região das Ilhas (Estuário do Amazonas), que só permitem um tripulante dentro Parecem verdadeiros brinquedos Pintadinhas, limpas, com os bancos, rodela, casco, poço extremamente asseados e enxutos, dá gosto vê-las cortando rápidas as águas quietas dos furos de Breves. O homem ou mulher curumim ou cunhantã sentado a meia-nau, na remada que dá, impele e dirige ao mesmo tempo, tal a habilidade canoieira da gente que aí vive. (R M)
- MONTE-ALTO** — Expressão peculiar ao alto rio Negro para designar as verdadeiras e longínquas matas de terra firme das caatingas, campinaranas e matas de várzeas, periodicamente inundadas ou não. (A. A. M.)
- MOXOS** — *Mound* de tipo semelhante ao pacoval do rio Arari FERREIRA PENA propôs o termo justo de “cerâmio”, ao *mound* inglês, para designar os depósitos sepulcrais de Marajó. (A. M.)
- MUPÉA** — Canal raso nos baixos ou nas extensas praias, navegável por vigilengas ou igarités de pouco calado durante a preamar, e sêco ou com poucos decímetros de profundidade à baixa-mar. (V C M)
- MURERU** — Mururé É a forma usada no baixo Amazonas e etimologicamente mais correta (V C M)
- MURURÉ** — Nome pelo qual se designam tôdas as plantas natantes, quer flutuem sômente durante a cheia, radicando no solo de verão, quer possuam apenas raízes aquáticas. O seu número nas baixas é considerável (V. C M)
- MUTÁ** — Duas curtas varas paralelamente colocadas e amarradas com cipó ou envira a dois galhos vizinhos de uma árvore a poucos metros do solo constituem o *mutá*. Completam-no outras varas amarradas na árvore do solo até aquelas duas, de distância em distância, formando escada. Ex: “É nas esperas que se arma o *mutá*”. (V C M.)

(Continua)